



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

TALITA SOUZA BASTOS

A EDUCAÇÃO E A MÍDIA:
UMA BREVE REFLEXÃO

Salvador

2009

TALITA SOUZA BASTOS

**A EDUCAÇÃO E A MÍDIA:
UMA BREVE REFLEXÃO**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em
Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade
Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Cleverson Suzart Silva

Salvador

2009

A

Tércio e Alzidéia, (in memorian), avós queridos, que com pouco estudo e muita coragem, trabalho e honestidade permitiram uma vida com novas expectativas aos seus descendentes. Pessoas em quem realmente reconheço a sabedoria, pois sem ostentar títulos foram grandes doutores na vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois independente de ter uma religião, é nele que deposito toda minha confiança nas coisas que faço, e a quem peço orientação no momento de dúvidas e decisões que exigem maior sabedoria. É para ele que volto meu pensamento quando sinto que algo deu muito certo em minha vida, como na conclusão desta etapa.

A minha mãe Iramaia, minha maior incentivadora, que além de ter me possibilitado a vida, sempre fez o seu melhor para que eu pudesse trilhar por ela da maneira mais fácil e feliz possível, e com sua garra, força, amor, carinho e cuidado sempre abrandou os percalços que encontrei em meu caminho.

Ao meu pai José, por sempre acreditar, reconhecer e incentivar o meu potencial e explicitar, desde cedo, para mim e meus irmãos que a educação é fator determinante no futuro do indivíduo, enfatizando que “quem estuda, conquista.”

Aos meus irmãos Fábio e Leandro, que me acompanham nesta escolha de por vezes abdicar dos prazeres da nossa juventude, para priorizarmos os estudos em nossas vidas.

Ao meu compreensivo, prestativo e generoso namorado Christian, que com todo o seu companheirismo sempre me apoiou nas minhas escolhas e nunca mediu esforços para me possibilitar tudo o que me era necessário.

A Universidade Federal da Bahia por ter me possibilitado dar mais este passo importante em minha vida.

Ao meu orientador Cleverson, pelo acompanhamento e colaboração, imprescindíveis na construção desta pesquisa.

A Rosangela, que sempre que necessário me prestou auxílio, e dividiu comigo as angústias, apreensões e expectativas causadas pela responsabilidade de realizar um trabalho como este.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico.

Paulo Freire, 1996

RESUMO

Esta monografia propõe reflexões filosófico-educacionais acerca da relação da educação com as novas mídias, a partir da compreensão que estas configuram os modos de existência humana do mundo contemporâneo. Os resultados desta pesquisa apontam para os novos desafios lançados à escola, enquanto instituição histórica e social que media a relação do homem com o mundo que o cerca, diante das novas formas de socialização impostas pelas mídias, especialmente a televisão. Explicitando a necessidade da modernização da escola para esta que possa formar sujeitos capazes de fazer o uso crítico, reflexivo e criativo destas mídias, aproveitando o poder de transformação social que as mesmas têm.

Palavras-chaves: mídia – educação crítico-reflexiva – televisão – mediação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O CENÁRIO BRASILEIRO EDUCACIONAL.....	10
1.1 UMA BREVE REFLEXÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	10
1.2 LANÇANDO UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS.....	16
2 A RELAÇÃO EDUCAÇÃO – MÍDIA	22
2.1 COMO TEM SIDO ESTA RELAÇÃO.....	22
2.2 A EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS NUMA PERSPECTIVA CRÍTICO- SOCIAL DOS CONTEÚDOS	34
3 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA RELAÇÃO MÍDIA- TELEVISÃO- EDUCAÇÃO	40
4 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS.....	51
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna vive um momento marcado por transformações que refletem, sobretudo, os grandes avanços tecnológicos, e que impõem novas condições a todas as esferas da vida humana: nas relações políticas, sociais, na produção econômica, na produção e disseminação de conhecimentos, na produção de bens culturais, nas relações humanas, etc.

O mundo vive no calor de uma nova era: a da informação, em que as informações são produzidas, selecionadas e veiculadas em quantidades crescentes, num espaço de tempo cada vez mais reduzido, que através das novas mídias eletrônicas transpõem as fronteiras antes existentes.

Este novo cenário mundial que se configura, exige que a educação, enquanto função social mediadora das relações humanas, se redimensione para que possa formar o novo homem apto a viver num mundo globalizado e altamente competitivo.

Esse redimensionamento educacional iniciaria, teoricamente, a partir da integração das novas mídias no espaço escolar, já que estas já se fazem presentes em todos os âmbitos sociais. Alguns autores entendem esta integração como a possibilidade de democratização da educação e a redução das desigualdades que assolam o nosso país.

Mas é controverso se falar em democratização através das mídias, se uma grande parcela da população não tem acesso a todos os recursos midiáticos lançados no mercado. E o processo educacional brasileiro que ainda é fundamentado na cultura oral e escrita e não se apropriou da cultura audiovisual que prepondera no mundo contemporâneo, agrava as disparidades já existentes.

Nesta perspectiva de mudanças, junto à tarefa da integração das mídias ao seu processo educacional, a escola assume outros desafios decorrentes dessa modernização, como: preparar alunos para a leitura crítica e reflexiva das mídias, formar sujeitos capazes de dominar a nova linguagem produzida pelas novas

tecnologias e que a partir delas produzam novas informações, propiciar uma educação calcada nos valores humanos e de solidariedade, na ética e nos princípios, que supere o perfil individualista, egoísta, consumista e alienado, imposto pelo capitalismo perverso, dentre outros.

A incipiente relação desenvolvida entre a educação brasileira e as novas mídias, onde se observa a urgência de resignificação da educação, para uma atuação ativa neste contexto de contínuas e expansivas transformações tecnológicas, aponta a relevância do tema escolhido nesta pesquisa, que foi elaborada a partir de um levantamento bibliográfico, referenciando alguns autores que abordam tal temática.

A organização desta monografia está dividida em três capítulos que buscam refletir a atuação da educação diante das novas formas de socialização das crianças e jovens impostas pelas novas mídias, que imperam em todos os espaços de convivência humana, enfocando na mais popular e abrangente delas: a televisão.

No primeiro capítulo é realizada uma descrição analítica do panorama histórico do cenário educacional brasileiro, refletindo a atuação da educação de acordo com as diferentes concepções que lhes foram atribuídas ao longo do tempo. Propõe-se, também, uma reflexão sobre duas tendências filosófico-políticas de interpretação do papel da escola na sociedade: a tendência que interpreta a educação como instituição inserida na sociedade que atua a seu serviço, reproduzindo-a e perpetuando-a de acordo com os seus condicionantes (sociais, políticos e econômicos), e a tendência transformadora, que interpreta a educação como uma instituição social e histórica, mediadora da existência histórica do homem, capaz de produzir transformações que incitem a democratização na sociedade em que está inserida.

No segundo capítulo é feita uma análise sobre a relação que tem se estabelecido (ou não) da educação com as mídias, trazendo para o foco das discussões a mídia televisiva, observando-se alguns pontos importantes para tal análise, como: a expansão dos novos recursos tecnológicos e a sua crescente inserção nos diversos setores sociais, principalmente no cotidiano das gerações mais jovens, as formas de atuação da televisão sobre o imaginário humano, a

importância da família no acompanhamento da relação das crianças com a televisão, a função socializadora exercida por tal mídia, a discussão sobre as formas de abordagem de temas como violência e o consumismo na mídia, etc. As questões abordadas no referido capítulo apontam para a reflexão do papel fundamental que a escola tem na intervenção sobre a ação controladora e manipuladora exercida pela televisão na sociedade, sobretudo nas camadas mais populares.

Neste mesmo bloco se discute, também, a importância da educação para as mídias a partir de uma pedagogia crítico-social dos conteúdos que vislumbre o aproveitamento das potencialidades de transformação oferecida pelos meios de comunicação, no sentido de formar sujeitos capazes de fazer a leitura crítica destes meios, bem como dominá-los para serem seus possíveis programadores.

O terceiro capítulo fecha este ciclo de discussões acerca da relação entre a educação e as mídias, refletindo sobre a importância do professor neste processo de integração (escola/mídias). Busca-se neste bloco analisar a relação do professor diretamente com as mídias, reforçando a importância de se oferecer formação inicial e continuada para que os educadores se apropriem do novo aparato tecnológico disponibilizado, e a partir de então possam mediar a formação dos seus alunos para o uso crítico, reflexivo e criativo destas mídias.

Compreende-se que refletir sobre o desenvolvimento da integração das novas mídias no processo educacional possa subsidiar novas ações que otimizem e efetivem a construção de uma nova escola. Uma escola dinâmica e transformadora que, supere os paradigmas e procedimentos obsoletos e defasados que sempre a condenaram à estagnação e à subordinação, e possa atuar com autonomia e apoderamento na construção histórica de uma sociedade em que as práticas e relações humanas se remodelam continuamente.

1 O CENÁRIO BRASILEIRO EDUCACIONAL

1.1 UMA BREVE REFLEXÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Para discutirmos acerca da relação entre a mídia televisiva e a educação, tema central desta monografia, é imprescindível compreender as concepções educacionais brasileiras construídas historicamente. Para tanto, apresenta-se um retorno necessário à origem do processo educacional brasileiro.

Desde o período jesuítico até os dias atuais, percebemos que a educação brasileira foi sendo concebida de acordo com os interesses da sociedade vigente, buscando sempre reproduzir seus conhecimentos e disseminar sua visão de mundo.

Tomemos como exemplo o período colonial, onde a educação não tinha relevante valor social, uma vez que, naquela época o único interesse da metrópole era o seu próprio desenvolvimento econômico, que era obtido através do trabalho escravo da população. Ou seja, não havia interesse por parte da elite colonial em instruir sua população se não para o trabalho.

A educação formal no Brasil só veio a ser implantada pelos jesuítas, os principais responsáveis por ministrá-la durante todo o período, e que o faziam, também, focando os seus próprios interesses: converter os índios à fé católica e instruí-los a uma convivência harmônica na sociedade que ali se formava. Naquela época era inviável educar a maioria dominada, de forma que esta se reconhecesse como seres pensantes, ativos, capazes de transformar suas realidades e da sociedade onde estava inserida. É certo que se isso acontecesse acarretaria conseqüências bastante desvantajosas à minoria exploradora.

Através de uma Pedagogia Tradicional, a educação, então, era transmitida com um caráter generalista, humanista e cristão. Alienando os índios da sua própria realidade, utilizando métodos que visavam apenas à memorização e fixação dos *ensinamentos* ali reproduzidos. “[...] não se poderia pensar em uma prática pedagógica [...] que buscasse uma perspectiva transformadora.” (VEIGA et al., 1998, p. 26).

Durante o período de transição da sociedade colonial para a republicana, o Brasil não assistiu grandes mudanças na educação. Só no período de expansão do café, quando o país muda seu modelo agrário-exportador para um urbano-comercial, que o Estado desvincula a educação da religião e passa a assumí-la. A escola e o ensino, neste momento, tornam-se laicos, públicos, universais e gratuitos. E a educação, mais uma vez, muda o seu curso. Neste período é conveniente a disseminação da ideologia burguesa, para que se consolide esta classe como a dominante no país.

A visão do homem essencialista foi mantida neste período. Entretanto, o foco passou a ser na sua capacidade racional. A Pedagogia Tradicional se manteve e o professor virou o centro do processo. Era ele quem *detinha* o saber e a verdade universal, e os conteúdos eram transmitidos de forma dogmática, a partir de uma relação (professor-aluno) que se desenvolvia de forma hierarquizada, onde o aluno era apenas o receptor, o agente passivo do processo de aprendizagem, o depositário de informações, cabendo-lhe apenas aceitar as *verdades* que lhes eram fornecidas e reproduzi-las fielmente.

No século XX, a partir da década de 30, o Brasil, mais uma vez, sofreu grandes transformações nos setores sociais e econômicos. Estas refletiram mudanças nas forças políticas que culminaram a Revolução de 30. E neste momento *crítico* pelo qual o país passava, as mudanças no âmbito educacional deram espaço ao movimento escolanovista, que buscou reestruturar a escola à sociedade industrial que se desenvolvia naquele período.

A proposta da Escola Nova, então, defende um novo tipo de homem, que deve ser instruído principalmente para a atividade, e a democratização do ensino. Segundo Veiga (et al., 1998), a concretização deste ideal de homem se volta para

aqueles pertencentes à elite, uma vez que se trata de uma sociedade dividida em classes onde são notórias as diferenças entre elas.

Com a proposta da Escola Nova, a criança passou a ser valorizada e reconhecida como um ser capaz, dotado de liberdade e de autonomia, mas o foco do processo era o *ensinar bem* para que se apreendessem todas as habilidades e técnicas essenciais ao bom funcionamento do sistema socioeconômico. Ou seja, a educação passou a adotar um caráter tecnicista, embora, mantivesse o caráter individualista da educação tradicional.

Nas décadas que seguiram, puderam ser observadas algumas mudanças no âmbito educacional, mas, nenhuma que revolucionasse esta prática. Mantinha-se o enfoque renovador e tecnicista da Educação, sem se considerar o aspecto sócio-político do país.

No período compreendido entre a década de 60 até 70, a educação assumiu a responsabilidade de preparar recursos humanos para a concretização do ideal de crescimento econômico acelerado que se buscava naquele momento. Nesse contexto o trabalho pedagógico desenvolvido pela escola se equiparou ao trabalho fabril.

Não obstante a importância do desenvolvimento econômico de uma sociedade, principalmente quando a mesma é condicionada pelo modo de produção capitalista, onde a maioria das dimensões da vida humanas são marcadas e referenciadas pela dimensão econômica. Mas, o papel da educação não pode se restringir à funcionalidade operatória voltada à eficácia do desempenho do sistema sócio-econômico. Severino (2000) compreende que o processo educacional deve contemplar as relações sociais, uma vez a educação entendida como processo de intervenção da dinâmica da vida social.

O contexto educacional brasileiro só observou transformações contundentes a partir da década de 80, onde se idealizava e se lutava por uma educação crítica e dialética, mais preocupada com o desenvolvimento das camadas populares e com o *homem de amanhã*. Pois, tomada por uma *onda* de libertação, a educação passou a se concentrar na formação do homem.

É a partir deste contexto que se percebe que as mudanças realizadas dentro da escola possibilitariam transformações na própria sociedade.

A educação que tem sido ofertada à sociedade durante as últimas cinco décadas, com tendências liberais, onde o Estado, influenciado pelos interesses de determinada classe social, é que dita a função da escola e todo o seu funcionamento (o currículo elaborado com os conteúdos a serem transmitidos pelos professores, os métodos mais eficazes para a fixação destes conteúdos, a relação verticalizada entre professor e aluno, os instrumentos avaliativos, etc.), privando o professor do usufruto de sua autonomia e deixando exclusas do processo a vontade e a participação popular, foi gerando grande insatisfação aos educadores e teóricos da educação libertadora daquela época, que ansiavam por transformações neste cenário. Tal situação é oportuna ao fomento de novas propostas educacionais, de tendência progressista, que sugerem na educação uma análise crítica da realidade social e defendem educação mais participativa e solidária, combatendo toda e qualquer forma de autoritarismo e burocratismo.

Nos dias atuais ainda se pode observar o ensino com tendência tradicional na prática escolar de muitos docentes, pelas mais variadas razões, seja porque permanece cristalizada nestes a forma de ensino-aprendizagem a que foram submetidos, ou por terem que adotar a corrente seguida pela escola onde venham a lecionar, ou pelo simples fato de que estes professores não recebem um devido preparo pelos cursos de licenciatura, como salienta Libâneo (1986, p. 20),

[...] os conteúdos dos cursos de licenciatura, ou não incluem o estudo das correntes pedagógicas, ou giram em torno de teorias de aprendizagem e ensino que quase nunca tem correspondência com as situações concretas de sala de aula, não ajudando os professores a formar um quadro de referência para orientar sua prática.

Apesar de tal fato, a concepção de educação libertadora, concebida como uma prática social que possibilita ao sujeito sua emancipação, a consciência de si mesmo, e não mais como um artifício para controle e manutenção de uma estrutura social, tem tido grande aceitação no meio educacional contemporâneo.

Nessa concepção, não cabe mais a mecânica transmissão ou disseminação dos conhecimentos. Estes, a partir de então, passam a ser apresentados ao aluno, que lhe dará sentido, resignificação e poderá reconstruí-lo de acordo com as suas necessidades e experiências particulares.

Assim, a educação deixa de ser entendida como um processo mecânico de desenvolver potencialidades e passa a ser um processo de construção, uma prática com a qual os homens se constroem ao longo do tempo. (SEVERINO, 2000).

A educação do século XX apresenta um cunho mais social que se expande de forma global. Ainda que ocorram, grosso modo, disparidades e distorções em seu desenvolvimento, é fácil a percepção de novos ideais, novos discursos.

Gadotti (2000) observa que embora ainda existam muitos desníveis entre regiões, e países, no que tange à localização, à hegemonia, ao nível de globalização destes, vem sendo difundidas, universalmente, idéias tais como a de que não existe idade pra se educar, que a educação é um processo contínuo, e que ela não é neutra.

Nesta perspectiva, a escola assume o papel de mediadora entre o aluno e os conteúdos. Não se nega ao aluno os conhecimentos acumulados pela sociedade, como se estes não tivessem valor algum. Entretanto, coloca-se este aluno em confronto com o objeto de conhecimento, com a informação a ele dada, para que ele mesmo, a partir de suas próprias formulações, dos seus conhecimentos prévios, e da sua realidade sócio-cultural, construa suas próprias conclusões, filtrando e assimilando as informações que lhe forem imprescindíveis.

Segundo Freire (1996, p. 22, grifo do autor),

É preciso, [...] que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Nas décadas finais do século passado, o mundo passou a assistir grandes transformações nos principais setores das sociedades, principalmente no tecnológico. Adentramos na era da informação, ainda que uma grande parcela da população mundial não tenha acesso a ela.

A própria informação não escapa das mudanças anunciadas e passa a ser produzida e veiculada em volume e velocidade que impressionam a todos, e seguem a largo alcance, pois, a esta altura já se romperam todas as fronteiras.

O mundo agora é globalizado e ainda mais competitivo, e à educação é incumbida a função de garantir aos sujeitos em formação o acompanhamento destas revoluções.

Segundo Gadotti (2000), estaríamos vivendo um período de revolução tecnológica, capaz de produzir e veicular informações em alta velocidade, num processo de globalização cultural, econômica e política. Trata-se de um momento em que se concedem privilégios a iniciativa privada, se minimaliza a intervenção do Estado nos negócios humanos, se maximaliza as leis do mercado, e se rompe todas as fronteiras.

Neste contexto de modernidade surge um novo perfil humano nas sociedades, o individualista, egoísta, imediatista, consumista, que sucumbe aos deslumbres alienantes do capitalismo.

A partir desta nova realidade social cabe nos questionarmos sobre como fazer o resgate solidário e humanístico desta sociedade marcada pelo capitalismo perverso? Qual a intervenção a ser feita pela escola neste cenário atual? Quais concepções, conteúdos, métodos surgirão?

A educação tem estes e muitos outros desafios em seu caminho, dentre os quais está a sua adaptação às novas tecnologias aplicadas que com ela dividem a função de difundir em massa a informação e o conhecimento, e que também apresentam modelos a serem seguidos.

Não tem sido das tarefas mais fáceis para a escola inserir dentre suas mídias impressas, as quais praticamente foram o suporte exclusivo oferecido ao ensino, as mídias eletrônicas que adquiriram importância e espaço na sociedade, destacando-se, principalmente, a televisão, que se tornou mais significativa pela sua popularização e facilidade de acesso. Gadotti (2000) observa que a educação opera com uma linguagem escrita e que com a atual cultura dominante surge a perspectiva de uma nova linguagem, a da televisão e a da informática.

Com esta crescente difusão das novas mídias, discute-se a possibilidade de democratização e expansão da educação formal, uma vez que esta extrapolou os muros escolares, tornando todos os espaços propícios à aquisição dos conhecimentos.

Pensemos, também, que estes novos recursos se utilizam de novas e mais atraentes formas de comunicação.

Além das palavras, permite-se a veiculação de imagens, vídeo, sons, fotos, que dão mais dinamismo ao processo educacional. Cabe à escola se modernizar de maneira que adquira condições de mediar as relações bastante controversas e arriscadas entre o aluno e as novas mídias.

Depois de delineado, nestas breves linhas que seguiram, o percurso traçado pela educação brasileira desde os seus primórdios, e refletido sobre suas finalidades justapostas ao perfil da sociedade em que esteve (está) inserida, faz-se oportuno darmos segmento à discussão em curso focando o olhar sobre as questões filosóficas da educação.

1.2 LANÇANDO UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA: CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS

A reflexão feita, anteriormente, acerca das concepções educacionais e tendências pedagógicas configuradas, historicamente, no Brasil, tornou o solo fértil para que se abra uma nova reflexão filosófico-educacional, explicitando os desafios da educação brasileira enquanto prática mediadora entre o homem e a realidade que o cerca.

É sabido que a educação brasileira desde os seus primórdios agrega conceitos, valores, finalidades, enviesados por interesses de um determinado grupo

ou classe social. O que sempre gerou muitas dúvidas sobre o verdadeiro sentido da educação *na e para* a sociedade.

Para chegarmos à compreensão do que é educação e qual o direcionamento dado a ela, é primordial que nos apropriemos da questão, já colocada por Luckesi (1990), sobre o sentido que podemos dar à educação como um todo dentro da sociedade.

Questionamentos como este já se fazem presentes nas reflexões educacionais dando margem para o surgimento de tendências filosófico-políticas de interpretação do sentido e fins direcionáveis da prática educacional que atravessaram o tempo e perduram até a contemporaneidade .

Dentre as várias tendências formuladas, existe uma que obtém grande destaque e que provoca muitas discussões sobre a prática educacional. Trata-se da tendência reprodutora, que compreende a relação da educação com a sociedade baseada apenas na reprodução desta através daquela.

Esta tendência “[...] aborda a educação como uma instância *dentro* da sociedade e exclusivamente ao seu serviço. Não a *redime* de suas mazelas, mas a *reproduz* no seu modelo vigente, perpetuando-a, se for possível.” (LUCKESI, 1990, p. 41, grifo do autor).

A mesma analisa criticamente a relação da educação com a sociedade, observando que a primeira sempre atuou condicionada pelos interesses de uma classe dominante. Trata-se de uma parcela minoritária da população, que sempre enxergou a educação como uma prática inerente à sociedade, a qual podia se aliar para garantir a manutenção dos seus interesses políticos e econômicos, através da formação *adequada* da grande massa dominada.

Podemos perceber que,

A interpretação da educação como reprodutora da sociedade implica entendê-la como um elemento da própria sociedade determinada por seus *condicionantes* econômicos, sociais e políticos – portanto, a serviço dessa mesma sociedade e de seus condicionantes. (LUCKESI, 1990, p. 41, grifo do autor).

E sendo ela (a educação) condicionada pelo sistema capitalista, nada mais conveniente que adotar práticas pedagógicas que repassem os saberes práticos e técnicos a serem aproveitados na esfera do trabalho, como uma forma de perpetuar a atividade humana (força de trabalho), bem como transmitam aos indivíduos *aprendizes* regras de comportamento, de consciência moral, cívica, profissional, etc., isto é, mecanismos que garantam a qualidade do trabalho e o conformismo com a realidade, por parte da grande massa trabalhadora através da sua alienação.

Toda esta preparação dos indivíduos aos moldes sociais pré-estabelecidos é função específica delegada à instituição escolar.

Na tendência *reprodutora* da educação, a escola é compreendida como principal instrumento de controle e difusão da ideologia do Estado, que possibilita a garantia da hegemonia de classes e poderes, atuando sobre os indivíduos de todas as faixas etárias.

A escola [...] é o instrumento criado para otimizar o sistema produtivo e a sociedade a que ele serve, pois ela não só qualifica para o trabalho, socialmente definido, mas também introjeta valores, que garantem a reprodução comportamental compatível com a ideologia dominante. (ALTHUSSER apud LUCKESI, 1990, p. 45).

A interpretação (reprodutora) da educação tem seus méritos por fazer uma abordagem crítica da educação que tem sido ofertada nas escolas públicas (e privadas) do Brasil, e retratar a atual realidade de muitas delas. Pois, ainda hoje, podemos perceber a atuação de muitas escolas brasileiras vinculadas ao projeto neoliberal da educação, que empenhadas em reproduzir a hegemonia da sociedade, trabalham na formação de sujeitos aptos a respeitarem o funcionamento e a ética do mercado de trabalho, que internalizem as *boas condutas*, os *bons costumes* ditados pelas classes dominantes, bem como o respeito às hierarquias e o conformismo ante suas posições e seus papéis sociais predeterminados.

Entretanto, diagnosticar e descrever os problemas existentes sem vislumbrar mudanças, negando qualquer possibilidade de autonomia da educação ante os seus

condicionantes, não contribui para a superação da situação em que a mesma se encontra.

Esta interpretação pessimista, permito-me até classificá-la como apocalíptica, da educação, pode dar espaço a uma estagnação, uma inércia por parte dos agentes transformadores, que uma vez não vislumbrando mudanças possíveis em sua prática pedagógica, ficam a acompanhar, passivamente, as catástrofes que acontecem na educação.

Percebe-se, que este tipo de interpretação não condiz com as mudanças necessárias pela qual a sociedade em geral precisar passar. Para que se observem mudanças é necessário acreditar que estas são possíveis de ser realizadas, sendo mais coerente adotar uma nova tendência interpretativa da educação, que a entenda como mediadora social, capaz de incitar transformações em si mesma e na sociedade que a insere.

A educação, por vezes, observa transformações exteriores que levam a escola a inovar seus métodos, seus conteúdos, a reformular seu projeto político-pedagógico, e se reinventar de forma a apenas atender as demandas da nova sociedade que se forma, ou seja, sempre que a educação sofre renovações é na perspectiva de seguir os novos paradigmas, os novos parâmetros curriculares, nunca com intenções de se fazer justiça social, ficando sempre a reboque das transformações que acontecem ao seu redor.

De acordo com a tendência transformadora, a educação precisa estar no centro das transformações, percebendo que ela mesma precisa passar por um processo de reformulação, precisa sofrer mudanças profundas, resignificando o seu próprio sentido, o seu papel, a sua atuação na sociedade, reconhecendo o seu poder de agir a partir dos seus condicionantes em favor da sua própria democratização, não se fundando apenas em sua operacionalidade técnica e científica.

Assim ela pode ser uma instância social, entre outras, na luta pela transformação da sociedade, na perspectiva de sua democratização efetiva e concreta, atingindo os aspectos não só *políticos*, mas também *sociais* e econômicos. (LUCKESI, 1990, p. 49, grifo do autor).

Incitar transformações na sociedade a partir da educação, não significa a dissociação entre ambas. Pelo contrário, significa ter a consciência de que a educação está inserida na sociedade e que ambas fazem parte de um processo histórico que mudam os seus cursos e direcionamentos.

A educação opera como mediadora da existência histórica dos homens, e estes não podem estar excluídos do processo de transformações sociais, devendo se reconhecer como sujeitos críticos, criativos, capazes de contribuir a partir dos seus próprios conhecimentos e suas vivências na realização de transformações que culminem na emancipação e democratização de si mesmos e da sociedade como um todo.

É crucial a compreensão de que as mazelas que atravessaram e atravessam a prática educacional não podem ser convertidas em pretexto para uma imobilização coletiva. A luta contra a dominação e manipulação é árdua e contínua, e depende da união de forças, da solidariedade e da conscientização de todos, mais precisamente das camadas populares. E a educação deve agir de forma dialética, proporcionando aos sujeitos inseridos no processo educacional um diálogo entre eles e o mundo.

Freire (1987) afirma que a existência enquanto humana, não pode ser muda, silenciosa, tampouco pode se nutrir de falsas palavras, e sim de palavras verdadeiras, com as quais os homens possam transformar o mundo. O educador entende que existir humanamente, é pronunciar o mundo e modificá-lo. E este, mundo uma vez pronunciado, volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, exigindo deles um novo pronunciar. (FREIRE, 1987).

Permanecer imóveis diante das dificuldades e dos problemas encontrados, não se posicionando e agindo enquanto sujeitos da nossa própria história, admitindo somente perplexidade diante da realidade distorcida que nos é apresentada, é sucumbir aos desejos das elites dominadoras.

“É precisamente, quando as – às grandes maiorias – se proíbe o direito de participar como sujeitos da história, que elas se encontram dominadas e alienadas [...]” (FREIRE, 1987, p. 127).

Educar para o futuro é atuar na perspectiva de se oferecer uma educação contestadora, que vislumbre uma transformação social à mera transmissão cultural. Observando-se que os obstáculos impostos pelos condicionantes econômicos, sociais e políticos, embora tortuosos não são intransponíveis.

E nessa mesma perspectiva deve ocorrer a relação da escola, dos professores e principalmente dos alunos, com as mídias. Todos integrados em favor de uma prática educacional que possibilite o domínio da linguagem, dos sentidos e finalidades das mensagens produzidas, o saber técnico, e a própria produção de mensagens, atuando *na* e com as mídias, para que não se permaneça, mais uma vez, na condição passiva de sujeito controlado por mais um artifício social.

Ainda que a escola esteja em processo de transição passando um instrumento social reprodutivista para uma instituição de prática transformadora, é necessário que ela perceba a atuação de outras instancias na função social de reprodução e/ou manutenção da hegemonia das classes minoritárias e da submissão das massas.

Atualmente,

A escola e a mídia desempenham o papel de guardiãs e difusoras de uma espécie de síntese dos valores hegemônicos que formam o consenso indispensável à vida social. Neste sentido, elas podem ser consideradas como instancias reprodutoras das estruturas dominantes da sociedade e como produtoras de hegemonia. (BELLONI, 20005, p. 33).

Enquanto a mídia, na maioria das vezes, exerce sua função social para a manutenção dos modelos vigentes de sociedade, uma vez se tratando de um meio que fala das majorias para as minorias, a educação deve seguir no contraponto, denunciando e combatendo toda forma de manipulação e hegemonização exercidos ou estimulados por qualquer meio socializador.

2 A RELAÇÃO EDUCAÇÃO- MÍDIA

2.1 COMO TEM SIDO ESTA RELAÇÃO

O mundo em que vivemos atualmente vem sofrendo contínuas e expansivas transformações tecnológicas. Trata-se de um momento em que se apresenta uma nova ordem mundial, calcada na ética do mercado, que concede privilégios ao setor privado e reduz ao máximo o poder de intervenção do Estado nas novas relações humanas que se desenvolvem.

Neste novo contexto, onde as mídias emergem como potentes meios de produção e difusão de informações, bem como de conceitos, estilos de vida, estereótipos, etc. e exercem grande controle sobre estes, transcendendo o espaço educacional escolar e impondo transformações em todos os segmentos sociais, torna-se urgente, quase que vital, à escola a tarefa de integrá-las ao processo educacional.

Como aponta Belloni (2005, p. 10), “[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social [...]”. É obvio que esta integração não pode ocorrer a qualquer sorte, mas de maneira reflexiva e crítica como qualquer nova informação a ser assimilada pela escola.

A presente geração que acompanhamos é marcada pela inserção dos novos aparatos tecnológicos dentre os dispositivos lúdicos infantis. A televisão, a Internet, os vídeo games, os aparelhos celulares e multimídia, dentre outros recursos, são listados como novas formas de oferecer cultura e entretenimento a crianças e adultos.

A sociedade em geral está condicionada a este movimento global das informações, que ora a possibilita a disseminação expansiva dos conhecimentos e o

estreitamento entre culturas e povos, ora a torna refém do controle ideológico das entidades capitalistas, principais estimuladoras e beneficiárias deste movimento, como escrevem Kellner e Share (2008, p. 688),

Se, por um lado, os avanços tecnológicos criaram novas possibilidades para o livre fluxo de informações, o uso de redes sociais e o ativismo global, por outro lado, há também o potencial que as empresas e governos exercem de ampliar seu controle sobre os meios de comunicação, restringir o fluxo de informações e apropriar-se dessas novas ferramentas para o seu próprio lucro e controle, à custa da livre expressão e da democracia.

Mais do que nunca há que se cautelar quanto às novas teorias e práticas lançadas à educação pelas expectativas das novas mudanças assistidas.

A tarefa da educação não se esgota em modernizar as escolas com uma enxurrada de mídias estocadas em suas salas e laboratórios, como defendem alguns. Mais do que modernização, é fundamental gerar nela profundas transformações.

Primeiramente é preciso atentar para as reais finalidades destes novos recursos, que são injetados na sociedade moderna de forma a suprir os anseios do setor econômico que parece estar sempre ditando regras de funcionamento ao campo educacional. É como se a educação não conseguisse, ou não pudesse, dar passos que fugissem ao alcance do olhar atento do capitalismo, e estivesse fadada a seguir as suas tendências.

[...] o capitalismo atual transforma os imaginários sociais das classes populares através da indústria cultural e dos meios de comunicação de massa. Assim, estamos diante de uma nova forma de dominação social e política, arquitetada por meio da força da imagem, que regulamenta e controla a vida quotidiana das sociedades atuais, por intermédio do poder das mídias. (ZITKOSKI, 2006, p. 17).

Embora saibamos que a educação, queiramos ou não, é guiada por um contexto social (muito referenciado pela esfera econômica), pois não haveria como se desvincular totalmente da realidade de onde esteja inserida, uma vez que não se

entende como apropriado e coerente alienar os alunos do funcionamento real do mundo fora do espaço escolar de onde lhe serão cobrados conhecimentos e comportamentos idealizados, é inconcebível que a mesma se curve à intencionalidade de um mercado voraz e individualista.

Ceder ao viés ideológico de uma sociedade consumista, como a que nos é posta hoje, traria um choque muito grande com o caráter emancipatório e libertário que a educação vem lutando para adquirir. Seria como resgatar ou manter o papel reprodutivista e acrítico o qual cabia a ela desempenhar.

Por outro lado, existe uma realidade, cuja negação é incogitável: a educação precisa se adequar às novidades ocorridas no mundo, não lhe cabendo ficar inerte a todo esse movimento e acompanhando de longe as mudanças que lhe perpassam.

Para acompanhar de perto as transformações assistidas pela sociedade, a educação deve se ater a inúmeras adaptações estruturais e organizacionais tais como reformular seus parâmetros curriculares, seus conteúdos, repensar suas metodologias, e a formação a ser dada aos seus profissionais. Até porque, existe a premissa de que a modernização da escola é a possibilidade de se reduzir as desigualdades socioculturais, através da democratização do acesso às novas tecnologias, e não sendo assim se agravariam estas desigualdades. Belloni (2005) explicita a importância da inserção das novas tecnologias nas escolas, cabendo a estas, especialmente às públicas, atuar no sentido de compensar as grandes desigualdades regionais e sociais que o acesso desigual a estes recursos está gerando.

Não se propõe à escola, apenas, agregar novas ferramentas, cabendo-lhe, além de garantir aos seus alunos a possibilidade de inserção no processo de inovações, propiciar-lhes uma formação crítica acerca das mídias e as informações por elas difundidas, de modo que estes possam fazer a leitura dos fatos e mudanças que remodelam as pessoas e suas relações, a partir da sua própria visão de mundo.

Belloni (2003, p. 289) afirma que,

A integração dos meios de comunicação mais contemporâneos [...] aos processos educacionais é tarefa urgente e necessária, pois tais técnicas já estão presentes em todas as esferas da vida social, em muitos casos gerando ou agravando desigualdades socioculturais. Cabe à instituição escolar democratizar o acesso a esses meios, do mesmo modo que lhe cabe alfabetizar a criança, para formar o cidadão livre e emancipado.

O foco desta discussão está na análise de uma mídia específica: a televisão. De modo que não se vislumbra um esgotamento do tema, mas uma reflexão acerca do impacto que esta *tela mágica* vem causando na formação e educação das novas gerações, e o papel da escola na mediação entre televisão e telespectador.

Em dias atuais, as crianças, já nascem, praticamente, assistindo televisão, ainda que não tenham a iniciativa para exercer tal atividade. Pois, é fácil encontrar um aparelho televisor ligado na maioria dos ambientes freqüentados por crianças, que não conseguem resistir às fascinantes imagens e sons oferecidos por este recurso e logo se dispõe a ser seu fiel contemplador, melhor dizendo: consumidor.

Pesquisas feitas acerca da utilização da televisão por parte do público infanto-juvenil, seja como fonte de informação ou possibilidade de entretenimento, de fuga, etc. tem demonstrado o demasiado tempo e atenção dispensados por este público específico às mensagens difundidas por este recurso que revolucionou as sociedades modernas. Estima-se que uma grande parcela deste público dedique um terço do seu tempo a receber os estímulos produzidos pela telinha, ainda que não tenham, ou quase não apresentem, habilidade e maturidade para fazer uma leitura crítica e reflexiva deste meio de comunicação.

Diante desta forte relação que tem se estabelecido entre as novas gerações e a televisão, é preocupante que a escola, enquanto instituição educadora e transformadora que é, ainda não tenha despertado para a necessidade de educar os seus alunos para a leitura crítico-reflexiva deste meio de comunicação.

Ferrés (1996, p. 7) avalia que “Uma escola que não ensina como assistir à televisão é uma escola que não educa.” Esta avaliação faz-se bastante pertinente quando analisamos a realidade atual, onde toda uma geração vem sendo *educada* por novas mídias, com novas linguagens, novos enfoques, novos atrativos, etc.

Ao fazer uma análise sobre a relação entre televisão e educação, o autor observa que na escola, dedica-se muito tempo a ensinar aos alunos conceitos que eles pouco utilizarão como as artes e a leitura. Não obstante a grande importância desses conteúdos para os estudantes, o que Ferrés tenta nos explicar é que para a utilização da televisão, um fenômeno cultural a qual as crianças e os jovens permitem uma contemplação espontânea e veemente, a escola, e as demais instituições educadoras, não se preocupam em oferecer uma mínima formação.

O que se pode observar é que quando a escola se configura nos moldes de uma concepção tradicional, onde se objetiva a reprodução e perpetuação de determinados conhecimentos condicionados por uma determinada cultura, a mesma se isenta das mudanças ocorridas na sociedade, se apresentando quase sempre de maneira defasada à realidade que se desenrola à sua volta.

Ultimamente, podem ser percebidos os esforços para se diagnosticar, discutir e solucionar os grandes problemas da educação brasileira. Como por exemplo, a questão do analfabetismo funcional. Tem-se buscado a origem e as causas, buscando-se medidas de intervenção para este problema que afeta uma grande parcela da população *alfabetizada*. É louvável que tenhamos evoluído a esse caráter de investigações. Mas, não seria menos importante que se discutisse a mesma temática na perspectiva dos meios de comunicação de massa, no sentido de analisar a capacidade dos cidadãos, especialmente os da grande massa populacional, de lerem e interpretarem, reflexivamente, as mensagens e as ideologias, transmitidas por estes meios, considerando-se a grande influência que os mesmos têm na formação das pessoas.

O fato é que,

Numa sociedade dominada pelos meios audiovisuais de comunicação de massas, devem ser considerados analfabetos funcionais os milhões de cidadãos incapazes de interpretar crítica e reflexivamente as mensagens mais ou menos inadvertidas por esses meios. (FERRÉS, 1996, p. 76).

É compreensível a necessidade de se educar para o uso adequado deste meio. Pois enquanto não se atenta para esta necessidade, em contrapartida, a televisão vai propiciando à sua clientela a sua própria formação e educação.

A mesma atua como um instrumento socializador de pessoas de todas as faixas etárias, especialmente as crianças. Pois, estando estas ainda no início do processo de formação da personalidade e de assimilação de valores, esboçando as suas interações com o meio que as cerca, não acumularam experiências suficientes para desvelarem as mensagens transmitidas pela telinha. O que as tornam mais susceptíveis à manipulação e controle exercido por tal mídia.

E mesmo com tão pouca capacidade de desmistificar esse meio de comunicação, as crianças são cada vez mais cedo entregues aos cuidados e mimos da televisão. Pois neste turbilhão de tarefa as quais a sociedade está sujeita, onde não resta mais tempo livre e de qualidade para quase nada, “[...] os adultos transferem para a televisão os cuidados com a criança, fazendo com que esta funcione como uma “babá eletrônica””. (PILLAR, 2001, p. 25, grifo da autora).

A família sempre foi uma das principais, se não a principal, instituição socializadora, pois é nela que o processo de socialização se inicia, é dela que primeiramente a criança vai adquirir todos os valores, costumes, princípios, regras de convivência, etc. Mas, as mudanças observadas no mundo refletem na reestruturação da família. Ficando cada vez mais a cargo da escola e da mídia o papel de preparar as crianças para o convívio na sociedade que elas integram.

É necessário compreender que,

[...] a importância da atitude familiar perante a televisão reside no fato de que ela marca as crianças desde a sua primeira infância. Assim como a alimentação que é dada às crianças vai condicionar a sua saúde e os seus hábitos alimentares como adultos, as atitudes adotadas diante da televisão durante a infância podem condicionar mais tarde não somente a atitude do adulto diante dela, mas também diante da realidade. (FERRÉS, 1996, p. 101).

A participação da família no desenvolvimento educacional da criança é fator quase determinante do tipo de relação que a mesma irá desenvolver com o meio

externo, e no nível de socialização que os agentes externos, como a TV, irão exercer sobre elas. De acordo com Belloni (2005, p. 35) “O papel da televisão será mais ou menos determinante segundo as diferentes formas de relação das crianças com o meio, a maior ou menor importância da ação dos outros atores, e o acesso a outras referências culturais.”

O fato é que, num país como o nosso que apresenta um cenário educacional devastado por altas taxas de analfabetismo e evasão escolar (que acarreta na baixa escolaridade), em muitas famílias os pais não estão devidamente preparados para estabelecerem uma relação reflexiva e crítica com a televisão, o que os impossibilita de intervir na relação dos seus filhos com este meio.

Ferrés (1996, p. 92) analisa que,

Para produzir uma integração adequada da televisão à vida dos alunos, a escola e o lar devem andar de mãos dadas [...] A família deve proporcionar um contexto adequado para isso. Mas essa tarefa dificilmente será desempenhada por pais que, em geral, estão tão carentes de formação nessa área quanto seus filhos.

Ou seja, quando os próprios pais precisam ser reeducados, fica cada vez mais a cargo da escola mediar o processo de interação entre os mais jovens e o mundo transitado por eles através da *caixa mágica*.

Segundo Belloni (2005, p. 57), “A escola partilha cada vez mais com a mídia sua responsabilidade na socialização dos jovens e crianças: a televisão, em particular, preenche parte do tempo livre das novas gerações.”

Ocorre que a superexposição das crianças à televisão tem crescido a passos largos. Hoje qualquer criança já sabe manusear os aparelhos televisores e se apropriam dos horários e conteúdos indiscriminadamente. Enquanto a escola parece estar perdendo o seu espaço e sua função para as mídias, sem considerarmos que o acesso ao aparelho televisor é mais fácil e garantido do que a uma sala de aula.

Enquanto a educação escolar continua a atuar calcada nos moldes defasados, de reprodução de conteúdos acumulados, a partir de metodologias desestimulantes e desinteressantes, a televisão está sempre se renovando, e abusa do seu poder

atrativo, mexendo diretamente com o imaginário infantil, possibilitando à criança um bem estar não encontrado na maioria dos espaços por ela transitados. E todo este fascínio tem explicações. Pois, de acordo com Ferrés (1996) esta mídia produz estímulos sensoriais, mentais e psíquicos que propiciam gratificação aos seus espectadores.

A televisão exerce estímulos visuais e sonoros que agradam ao gosto infantil, especificamente o das crianças das camadas populares, permitindo-lhe transitar um universo totalmente avesso ao seu, um universo ostentado por jóias, carros, do luxo em geral, das pessoas belas, bem posicionadas financeira e socialmente, etc.

Todos estes estímulos fertilizam o imaginário das crianças juntamente com as fantasias, o irreal, que de forma lúdica gratificam as suas mentes.

As pessoas precisam extravasar, fugir às vezes da sua realidade, buscando complementá-la com uma mais idealizada, mais *feliz*. E é aí que a televisão usa todo o seu poder de sedução, oferecendo ao seu telespectador um mundo sem limites, sem impasses, com problemas sempre solucionáveis, e repleto de finais felizes. O momento de assistir à TV é compreendido pela maioria das crianças como a única possibilidade de realizar seus sonhos, ainda que passivamente, assumindo a realidade de outros seres, se colocando no lugar dos personagens.

Pillar (2001) afirma que a televisão faz parte do cotidiano das crianças, e que pra elas é difícil distinguir o real da fantasia, pois ambos se misturam na tela. Até porque é muito conveniente viver no mundo paralelo, onde tudo se é possibilitado, e qualquer situação adversa se encerra com um simples apertar de um botão.

Segundo Ferrés (apud B. BETTELHEIM, 1996, p. 36) 'O homem precisa contemplar a realidade com um mundo ideal', e a escola poderia fazê-lo de forma mais verídica, possível. Na verdade, a escola poderia fazer muito mais, apresentando no lugar da utopia, do sonho emprestado, realizável somente na TV, a possibilidade de sua realização. Assim sendo, além de despertar o aluno para a conscientização de sua condição de sujeito capaz de buscar e alcançar seus objetivos, evitar-se-ia as inúmeras armadilhas lançadas por tal mídia.

A televisão atua sobre as crianças (e os telespectadores em geral) como um meio de socialização muito eficaz. Há muitos se observa os programas televisivos ditando valores, condutas, comportamentos, moda, regras de convivência, tudo *socialmente* aceitável. E a criança, que está iniciando nesse constante processo de socialização, internaliza quase tudo o que é ensinado pela TV, se não há uma intervenção eficaz por parte das demais instâncias socializadoras, como a escola e a família.

A televisão enquanto um meio socializador transmite a sua ideologia, sua cultura, seus valores, sua colonização, e os seus interesses de forma muito subliminar, sem que os expectadores, despreparados e desinformados possam perceber. Tomemos como exemplo os estereótipos tão utilizados neste meio de comunicação. Na televisão brasileira, por exemplo, existe um preconceito velado que se configura no tratamento a determinados grupos sociais. Os negros, os nordestinos, os homossexuais, as mulheres, as pessoas da zona rural, quando aparecem na tela são apresentados como minorias, em condições desfavoráveis, onde são ridicularizados (seja na ficção ou na realidade), levando-se o telespectador a fazer uma interpretação distorcida e enviesada a despeito destes grupos.

O mais preocupante é que muitas crianças que se enquadram nestes grupos aplaudem os espetáculos preconceituosos e buscam se distanciar destes perfis abominados pela televisão. Esta realidade manipulada faz com que muitas crianças neguem e reajam à sua identidade cultural, buscando se adequar fielmente ao perfil idealizado pela mídia.

As questões demarcadas no parágrafo anterior, e as que virão no decorrer deste capítulo, são reflexos da carência, em grande parte das grandes produções televisivas da atualidade, de um importante aspecto que é determinante na boa convivência e no progresso de qualquer civilização: a ética.

É uma das atribuições da escola discutir sobre este aspecto, e atuar na formação ética de seus alunos, como está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1998, p. 16),

A necessidade de que a educação trabalhe a formação ética dos alunos está cada vez mais evidente. A escola deve assumir-se como um espaço de vivência e de discussão dos referenciais éticos, não numa instância normativa e normatizadora, mas um local social privilegiado de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania, promovendo discussões sobre a dignidade do ser humano, igualdade de direitos, recusa categórica de formas de discriminação, importância da solidariedade e observância das leis.

A temática da violência também tem merecido uma maior atenção por parte das escolas, pois se tem notado que o próprio espaço escolar tem sido utilizado como campo de embates entre os jovens.

A forma como a televisão aborda a questão da violência tem convertido este problema num espetáculo de sons e imagens. A violência passa por uma apuração estética que atrai a atenção das crianças de forma que estas não se assustem com tamanha agressividade que lhe é apresentada diante da tela, mas volte toda a sua atenção a ela.

Talvez fosse menos grave se a violência transmitida por este meio comunicativo fosse apenas fictício. Pois, o que se tem visto é uma espetacularização da violência real, de cada dia, com a justificativa de se prepara as crianças para o mundo real que ela vive.

Tem-se acompanhado uma excessiva presença da violência nos programas televisivos fictícios (desenhos, filmes, novelas e teleseridados) e reais (noticiários) de grande abrangência. Essa carga excessiva tem levado a distintas tendências de compreender e encarar o problema. Quando não naturalizam a violência como uma das mais legítimas formas de resolução de conflitos, as pessoas a banalizam, acreditando não haver mais o que se fazer a não ser se proteger utilizando-se do mesmo artifício, tornando-se cada vez mais insensíveis ao que vêem nas telas ou ao vivo. Ou elas agem de uma forma pensada e esperada pelos meios de comunicação, que inserem nelas o terror, o pânico como forma de controle social e político?

O fato é que as crianças vão se educando nesta perspectiva, de que o mundo em que vivem é legitimamente violento, em que elas também precisam apreender um comportamento violento.

Na expressão de Pillar (2001, p. 66) “Através da mídia, há a normalização da violência, decorrente da intensa disseminação de imagens e sons de violência e agressividade – reais e fictícias.”

O que aqui se propõe não é pintar um mundo totalmente pacífico para as crianças, alienando-as da violência real, afim de que se evitem traumas. Mas, dizer-lhes que há diferentes alternativas de se solucionar os problemas humanos, e que a violência não é a melhor delas. “Uma coisa é que a criança aprenda intuitivamente que na vida *existe* violência e outra é que a vida *é* violência.” (FERRÉS, 1996, p. 90, grifo do autor).

Essa *realidade* apresentada pela TV exige intervenção da família e da escola. Mas como educar crianças para a leitura das mídias, se muitas vezes e os próprios educadores também precisam ser reeducados?

É o que acontece com a questão do consumismo que é demasiada e estrategicamente estimulado pela televisão. Para Ferrés (1996, p. 27), “Tudo na televisão incita o consumo, porque a televisão é reflexo e sustentação de uma sociedade que vive para o consumo. “

Consumir, essa parece ser a regra para uma sociedade moderna e feliz, que é transmitida pela televisão, inclusive para os mais jovens. Estas crianças, especialmente as das camadas menos favorecidas, são filhos de pessoas que também não foram educados para criticar e refletir o mundo em que vivem.

Pignatari (apud PILLAR, 2001, p. 77) afirma que ‘(...) no Brasil as massas ignorantes se alfabetizam iconicamente pelo rádio e pela televisão, apesar de tudo, ou seja, apesar dos riscos da alienação consumista inerente à sociedade entendida como mercado de consumo’.

Por ser um meio que se comunica diretamente com as pessoas de todas as categorias, a TV tornou-se importante aliada do mercado capitalista nesta formação consumista da sociedade. E o público infantil não escapa a esta lógica, pois “A publicidade dirigida diretamente às crianças busca torná-las um consumidor em potencial dos produtos veiculados na tevê. (PILLAR, 2001. p. 55).

Diante do modo capitalista de viver e ser, as pessoas tendem a criar necessidades ao invés de buscar satisfazer as que realmente têm. E a televisão tem grande participação na formação desta *consciência consumista*. E a escola também, por se omitir diante desta realidade.

Muitas são as questões a serem discutidas a cerca do que se veicula na televisão e que chega ao conhecimento das crianças, ainda que não seja dirigido a elas. Hoje todos os assuntos e temas sociais mais conflitantes e polêmicos que mereceriam uma discussão mais aprofundada e seria, caem no do espetáculo e se convertem em audiência para as emissoras de televisão. Tudo vira espetáculo na televisão brasileira: a violência, a política, a sexualidade, a intimidade, a tragédia, dentre outros. E podemos considerar como um agravante a toda essa situação que tudo que é veiculado hoje pela mídia é vendido como informação e cultura.

Resta saber se a população consegue filtrar dentre tudo que é produzido e veiculado na TV o que realmente pode lhe informar e lhe propiciar conhecimento, e o que não passa de frivolidade inerente ao meio. As *informações* crescem numa proporção bem maior que a própria população, e quase nunca os indivíduos sabem o que fazer com esse excesso. É o que Ferrés define como “poluição informativa”.

Segundo Ferrés (1996) as informações resolvem pouco dos problemas da população e são, em sua maioria, irrelevantes para o cotidiano da mesma, servindo no máximo para que eles possam falar, quase nunca para que possam fazer ou ser.

Pode-se compreender que essa carga excessiva de *informações* não estimula ação dos sujeitos, nem mesmo nas situações-problemas, mas a contemplação passiva e inerte, onde os mesmos seguem sentados diante da tão apreciada tela rendendo fortunas aos seus idealizadores.

Diante da realidade analisada, parece estar a escola abrindo mão da sua função social transformadora, no momento em que mais precisa atuar: na desmistificação da realidade a que os sujeitos têm acesso através das mídias. Enquanto estas seguem imperando no consciente e inconsciente coletivo, consolidando a sua hegemonia.

“[...] é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo da penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações. “ (FERRÉS, 1996, p. 10).

Compreende-se a necessidade de uma atuação mais incisiva da escola na educação desta nova cultura constituída sob grande influência das novas mídias inseridas na sociedade moderna.

2.2 A EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS NUMA PERSPECTIVA CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS

Nos dias atuais podemos perceber que a escola tem se conscientizado do seu papel transformador da realidade social que a cerca, ainda que se confronte com algumas práticas remanescentes de uma educação reprodutora e opressiva.

A escola agindo enquanto agente transformador da sociedade, busca observar as mazelas existentes na própria sociedade para que possa atuar numa perspectiva de mudanças. Contudo, para que esta possibilidade de mudanças se efetive, torna-se necessário que a escola lance um olhar crítico sobre si mesma, reconhecendo-se como uma instituição permeada de limitações e equívocos, diagnosticando-lhes e definindo as possíveis medidas de intervenções, para que posteriormente possa intervir na realidade externa ao seu espaço físico. É essencial que a mudança ocorra, inicialmente, de dentro pra fora, pois “Se a escola é parte integrante do todo social, agir dentro dela é também agir no rumo da transformação da sociedade. (LIBÂNEO, 1986, p. 39).

Uma educação transformadora possibilita aos seus alunos o acesso às informações em forma de conteúdos, estando estes sempre relacionados às vivências dos próprios alunos, para que os mesmos se apropriem de tais informações, faça a sua releitura, e participe ativamente na construção de uma nova realidade.

Nesta mesma perspectiva deveria acontecer a educação para as mídias, onde o aluno pudesse fazer a reflexão e a crítica dos conteúdos e *informações* difundidos pelos meios de comunicação, sempre os relacionando com a sua própria realidade. É necessária uma difusão dos conteúdos, “[...] não conteúdos abstratos, mas vivos, concretos e, portanto, indissociáveis das realidades sociais.” (LIBÂNEO, 1986, p. 39).

De acordo com Belloni (2005, p. 34) “As significações transmitidas pela televisão são apropriadas e reelaboradas pelas crianças a partir de suas experiências e integram-se ao mundo vivido no decorrer de novas experiências.”

Os conteúdos produzidos por uma emissora de televisão, por exemplo, poucos deles são pensados com uma finalidade pedagógica, quase sempre são indissociados da realidade social da maior parte da população infantil e elaborados com fins mercadológicos. Não obstante, parcelas majoritárias de crianças se tornam, desde muito cedo, telespectadoras assíduas destes conteúdos que muitas vezes são incondizentes até com a faixa etária em que elas se enquadram.

Quantas destas crianças não serão adultos facilmente manipuláveis pelos grandes agentes da indústria cultural? Quantas destas, sem uma devida preparação, conseguirão reconhecer e desmistificar uma informação controladora, massificadora?

Segundo A. Benito apud Ferrés (1996, P. 59) ‘controlar, manipular, ou simplesmente influenciar nos meios de comunicação social é sempre um dos primeiros objetivos de todo grupo que pretenda exercer o poder ou parte dele’. E uma criança que não está preparada para reavaliar a mensagem que lhe é transmitida pela televisão ou qualquer outra mídia, torna-se presa fácil deste grupo dominante, e dificilmente vai estar apta a transformar a realidade que a cerca, uma vez que, ela sequer enxerga a necessidade de transformação, pois os problemas existentes em sua sociedade são abrandados pelos discursos da minoria manipuladora através de qualquer meio.

Neste sentido,

“educar para a reflexão crítica supõe ajudar a tomar distância no que se refere aos próprios sentimentos, [...] compreender o sentido explícito e implícito das informações e das histórias e, principalmente, ter condições de estabelecer relações coerentes e críticas entre o que aparece na tela e a realidade do mundo fora da mesma.” (FERRÉS, 1996, p. 80).

Apesar de todo o poder de manipulação exercido pela televisão, não é concebível reduzi-la apenas a tal finalidade, interpretando-a tão somente como uma máquina opressora voltada a dominar as mentes e as vidas das grandes massas. É importante compreender que a televisão integra as transformações sociais ocorrentes, e que pode ser utilizada como um potente instrumento a favor da libertação e democratização da sociedade, se bem utilizada.

a TV não é um mero instrumento dócil a serviço da opressão, simples máquina neutra acima das contradições sociais e manipulável a bel-prazer dos interesses das classes dominantes. Ao contrário, a TV é, ela própria, um fulcro de contradições, nem acima, nem abaixo, nem à frente, nem atrás da estrutura social, mas parte integrante das tensões e contradições sociais que atravessam as sociedades capitalistas. (SANTAELLA apud PILLAR, 2001, p. 77).

Se nos prendemos apenas aos estímulos *negativos* exercidos pela televisão sobre a criança, cometemos, no mínimo, dois equívocos: primeiro, negamo-nos vivenciar as experiências enriquecedoras possibilitadas por este importante meio de comunicação. O segundo equívoco é não reconhecer a criança como sujeito ativo e crítico, capaz de fazer seus próprios questionamentos sobre o mundo que lhe cerca e de construir a sua própria visão do mesmo. É imprescindível, também, a clara compreensão que a relação da criança com a televisão, ou qualquer outra mídia (impressa ou eletrônica) necessita de uma mediação de diferentes agentes ou instituições educadoras como a família, a escola e a igreja.

Nesse sentido que emerge a participação da escola, principalmente do professor, na mediação destes conteúdos a serem reavaliados pelos alunos, de forma que nessa troca de aprendizagens, os alunos possam ampliar suas possibilidades de experiências. Libâneo (1986) afirma que o grau de envolvimento

na aprendizagem depende da disposição e prontidão tanto do aluno como do professor e da sala de aula.

Nessa mediação, o papel da escola não é proteger os seus alunos como se estes fossem sujeitos indefesos e incapazes de desviar das armadilhas lançadas não somente pelas mídias, mas pela vida em si. Mas, como entende Libâneo (1986) a escola deve atuar na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, oferecendo-lhe instrumental por meio de conteúdos e socialização, para que o mesmo possa participar de maneira organizada e ativa na democratização da sociedade.

Almeida (1994, p. 23) afirma que “O espectador [...] de televisão passeia ingênuo e desarmado, buscando seu prazer em meio a um mercado que não é nem ingênuo, nem desarmado.”

É para desconstruir afirmações como a citada acima que se aponta como urgente o estímulo ao pensar crítico dos alunos, que uma vez desenvolvido e praticado o permite ser um contemplador de qualquer informação ou conhecimento produzido pela televisão, ou qualquer outra mídia, sem cair na iminência da passividade ou da submissão.

Nessa nova realidade configurada, onde as mídias se fazem cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, em quase todas as suas atividades, é imprescindível que a escola prepare seus alunos para se apropriarem da linguagem destes recursos, bem como para o seu domínio técnico.

Milton Campos (apud PILLAR, 2001, p. 76) observa que “A televisão propiciou o acesso a uma linguagem onde a língua e a representação imagética e sonora não-verbal se conjugaram, ampliando a possibilidade de comunicação das mais variadas formas de expressão do homem.”

O momento é propício para estimular a capacidade de participação ativa dos alunos, desmistificando a passividade inata em que muitos, ainda que acompanhem com certa perplexidade os avanços produzidos pela humanidade ao calor do 3º milênio, insistem em defender.

Como observa Pretto (1994, p. 11, grifo do autor),

Não se trata unicamente de incorporar estes recursos como instrumentalidades, nem tão pouco de se buscar uma educação para a *media* com centro exclusivo no receptor (existirá ainda receptor?!). Neste novo contexto, parece ser fundamental o domínio dos processos tanto de **recepção** como de **produção** (Machado), uma vez que não basta a simples (simples?) introdução desses meios na escola, mas, sim, o reconhecimento da existência de um novo logos que modifica substancialmente o fazer-educação (Babin, Gutierrez, Greenfield). Nesse contexto, a escola passa a ter, portanto, outro significado, a partir da maior aproximação entre educação e comunicação.

Ferrés (1996, p. 82) entende que “O ideal seria que os alunos fossem capazes não somente de compreendê-los em profundidade, mas também de expressar-se por intermédio deles. Não sendo assim, estariam condenados a ser [sic] simples receptores passivos e não-críticos.” Segundo o autor não se entende, ainda, que somente é possível adotar uma postura reflexiva e crítica diante do meio sem existir um conhecimento técnico e expressivo sobre o mesmo.

Conhecer os aspectos técnicos da produção e transmissão de imagens facilita muito também na compreensão do sentido que se pode dar quando se elabora e veicula uma informação, uma mensagem, uma imagem. Enfim, quando nos tornamos o criador de algo, carregamo-lhe de nossos valores, nossa cultura, nossos conhecimentos, nossa compreensão do mundo, nossa ideologia, enviesando-lhe de acordo a nossa percepção da vida. Segundo Ferrés (1996, p. 94) “Ao produzir mensagens é possível aprender os segredos da produção de sentido e da criação estética.”

É essencial compreender que tão importante quanto possibilitar ao aluno o acesso às novas mídias, para que este possa recriá-la de forma a usufruir as mesmas em sua vivência prática, é que a escola trabalhe com esse aluno a idéia de que embora ele esteja no processo de apropriação de recursos altamente modernos, que o possibilitarão o contato e a interação com novas culturas, novos valores e paradigmas de um mundo globalizado, é fundamental que ele aproveite essa gama de oportunidades para a valorização e progresso da sua própria cultura. Que o aluno compreenda que ele pode através da televisão, por exemplo, transitar por uma cultura global sem subjugar a sua cultura local.

Para um completo desenvolvimento é importante para o aluno “apropriar-se da modernização dos processos produtivos, fruto da evolução científica e tecnológica, assumindo papel tanto de usuário como de produtor de novas tecnologias, sem renegar os valores e o cultivo de bens culturais locais.” (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 16).

Neste momento de turbilhões de mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e tecnológicas, atravessadas pelo complexo mundo contemporâneo, a escola, enquanto instituição social e histórica, não permanece apática a todos esses novos acontecimentos.

Esta nova escola, que está sendo gestada neste processo, deverá estar centrada em outras bases, não mais reducionista e manipuladora. O novo sistema educativo trabalhará, portanto, na perspectiva de formar o **ser humano – programador** da produção e não de treinar **um ser humano – mercadoria** [...] (PRETTO, 1994, p. 91, grifos do autor).

Nesse processo de modernização das relações humanas pelo qual passa o mundo, a escola deve repensar suas práticas de modo a atuar na perspectiva de não apenas integrar as novas mídias ao seu processo educacional e pedagógico, de maneira impensada, acrítica, sem refletir sobre o poder de produção de conhecimento destes recursos na potencialidade no processo de transformação e emancipação da sociedade, tendendo a mais um tipo de subordinação. Mas, pensar na transformação da própria escola e de seus profissionais para que possam se apropriar destas mídias, focando na preparação de alunos que saibam fazer a leitura crítico-reflexivo delas, que compreendam todo o seu funcionamento técnico, a produção estética e de sentido, o poder que estas detém na socialização de um indivíduo, enxergando-as como dispositivos a favor da educação, que quando subjugado o seu uso ingênuo e maléfico, podem ser aproveitadas como potentes instrumentos na construção de uma sociedade que vislumbre inovações, mudanças e possa assim mais justa e democrática.

3 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA RELAÇÃO MÍDIA-TELEVISÃO-EDUCAÇÃO

A integração das mídias nas escolas brasileiras (a discussão aborda o cenário educacional público) se apresenta como um processo incipiente, que ainda não apresentou certa maturidade para que se possibilite aos alunos a capacidade de apropriação da produção e do uso crítico e reflexivo destas mídias.

Apesar de estarmos vivendo e acompanhando o progresso das sociedades que se constroem condicionadas pelas expectativas de uma era definida como **da informação**, em que os grupos modernizam suas formas de aproveitar o tempo livre, entreter, educar, interagir, e até de estabelecer suas relações, afetivas ou não, a partir dos meios eletrônicos disponíveis como a TV, o rádio e a internet, no atual cenário sócio-educacional brasileiro estes recursos ainda não foram democratizados e seu usufruto tem se restringido a pequenos grupos.

A escola tem em *suas mãos* a possibilidade de democratizar o acesso às novas mídias eletrônicas, oportunizando a crianças e jovens das camadas menos favorecidas o contato, a interação e até um diálogo com estas novas formas de comunicação calcadas, agora, na linguagem imagética e sonora. Entretanto, apesar de inconcebível, pesquisas feitas sobre o tema tem revelado que em muitas escolas públicas brasileiras a chegada dos novos recursos tecnológicos ainda não pôde ser contempladas por seus atores.

A própria televisão, que já tem mais de meio de século presente na realidade da nossa sociedade, é concebida como artigo de luxo em algumas escolas ou objeto que causa certo estranhamento em outras, embora exista, no mínimo, um aparelho televisor em cada lar brasileiro coabitando com a grande massa populacional.

Um dos grandes impasses para a modernização da escola a partir das mídias eletrônicas, além da ausência física destas, é a sua falta de uso, quando elas já se fazem presentes no espaço escolar.

É fácil encontrarmos em muitas unidades escolares estes equipamentos trancados em salas especiais, permitindo minimamente sua utilização no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, como se fossem recursos de propriedade particular da instituição, quando na verdade são recursos de todos.

Este estranhamento que marca a relação da educação com as mídias pode ter em suas causas a forma descontextualizada como ocorreu a integração destas no âmbito daquela. Possivelmente a escola adotou estes recursos condicionada por interesses alheios, sem ter a oportunidade de ressignificá-los às suas condições existenciais.

Belloni (2005) observa que a entrada das novas tecnologias de comunicação na escola ocorreu mais por pressão do mercado, estando a instituição escolar em defasagem com as demandas sociais e à cultura das novas gerações.

Não é mais tolerável que a escola se repele aos avanços científico-tecnológicos da sociedade, uma vez que, ela própria é parte integrante dessa sociedade, e não pode mais seguir num caminho descompassado e solitário, que a coloca em contínua defasagem em relação às novas produções culturais que, velozmente, vão atravessando a história dos homens, e conseqüentemente, a sua própria história. .

A falta de uso das mídias na prática pedagógica de muitas escolas acontece bastante, se não exclusivamente, pela falta de iniciativa de muitos educadores, que por variados motivos, dos quais alguns serão discutidos nas próximas linhas deste capítulo que será dedicado exclusivamente a esta temática, desperdiçam a possibilidade de integrar em sua prática docente um importante instrumento que facilitaria muito no processo de ensino-aprendizagem de todos.

Sem dúvida, a falta de iniciativa do uso das mídias nas aulas por parte dos professores é um fator significativo no atraso tecnológico e intelectual em que a educação brasileira se encontra. Mas, mesmo sendo esta uma problemática

pulsante na prática educacional de muitas escolas, tem-se voltado os esforços, quase que unicamente, na formação dos alunos para o domínio das mídias.

Como ressalta Fischer (apud PILLAR 2001, p. 40),

há uma excessiva preocupação em formar o expectador crítico, [...], mas é preciso investir, antes, em algo de base. A formação do próprio professor crítico. O professor ainda está muito abandonado, mal informado, mal preparado. É nele que se precisa investir.

Retomando o foco das discussões para o uso da televisão, que é certamente uma mídia utilizada por quase todas as crianças e jovens, independente do nível cultural, social, e financeiro em que estejam, faz-se pertinente questionar a quantas anda a formação e qualificação dos professores, para que sejam capazes de provocar e mediar as tensas discussões sobre este meio de comunicação? Quantos destes professores são telespectadores críticos da televisão? Como mediar a relação do aluno com a televisão, se o próprio mediador não se apropriou deste meio?

Ouve-se e lê-se, muito, que a escola apresenta uma grande dificuldade em assimilar as novidades que lhe são propostas para a inovação do seu fazer pedagógico. No tocante educador, diz-se que esta dificuldade se concentra na utilização das novas tecnologias.

Alguns afirmam que a lacuna existente entre educador e mídia é resultado de um mito que vem desde a Revolução Industrial, em que as pessoas temiam ver o trabalho humano substituído pelas máquinas, e parece ter atravessado séculos permeando até hoje as mentes de muitos educadores.

Há muitos se tem trabalhado para a desmistificação dessa hipótese, que é descabida, principalmente, quando se trata de educação. Pois “[...] é necessária a intervenção do professor para levar ao aluno a acreditar nas suas possibilidades, a ir mais longe, a prolongar a experiência vivida.” (LIBANÊO, 1986, p. 42).

Além do que, o domínio das novas tecnologias não é a única habilidade a ser apreendida pelo aluno. Existem muitos conteúdos acumulados durante o processo histórico da sociedade, assim como valores e princípios imprescindíveis à boa convivência social, que sempre precisaram da intervenção humana para ser difundidos.

Na compreensão de alguns estudiosos, a razão para a rejeição das novas mídias na prática docente está no despreparo destes educadores, que por desconhecerem o universo audiovisual com o qual terão que conviver, não se sentem seguros e nem atraídos para aproveitar as possibilidades pedagógicas que estes recursos oferecem, principalmente no processo de construção criativa dos alunos.

Pretto (1994, p. 88) observa que “Não estão sendo formados os profissionais para o mundo que se está construindo ao tempo que as mudanças ocorrem de forma muito veloz e em grandes dimensões.”

O fato é que, não há como o professor provocar situações que levem o aluno a fazer uma apreciação crítica dos conteúdos veiculados pela televisão, a se apropriar dos sentidos e ideologias implícitos nas produções, a organizar as mensagens descontextualizadas, imprecisas e fragmentadas que recebe de tal meio, convertendo-as em um saber significativo, e a ter o domínio técnico que o leve a ser produtor de novos conhecimentos, se ele próprio não desenvolveu todas estas habilidades.

Se antes da massificação da televisão poderíamos pensar em uma comunidade formada por pessoas, hoje somos forçados a pensar em uma comunidade de espectadores, que consomem imagens e sons, e formam sua inteligibilidade do mundo a partir das informações que lhe vêm dos meios de comunicação, desta nova oralidade. (ALMEIDA, 1994).

A idéia de mundo transmitida pela televisão em programas de conteúdos infante/juvenis é demasiadamente fictícia, ilusória, irreal, descontextualizada, visando tocar fundo no sentimento e manipular o imaginário dos jovens telespectadores despreparados. Tornando-os susceptíveis a seguirem na busca de um final se não feliz, conformador, para todas as experiências que venha a ter.

Tal realidade evidencia, mais uma vez, a necessidade da participação atenta, analítica, interpretativa, e perspicaz do professor durante a mediação da relação dos públicos mais jovens com a televisão.

O professor deve compreender que “A sua função como mediador na experiência televisiva ou como intérprete daqueles sonhos estimulados pela televisão é a de analisar, interpretar, inserir no contexto, ou seja, em última análise, enriquecer a experiência televisiva.” (FERRÉS, 1996, p. 83).

A revolução tecnológica pela qual passou (e ainda passa) a sociedade moderna exige um novo indivíduo que saiba se comunicar a partir de uma nova linguagem, não mais calcada na fala oral e na escrita humana, e sim numa linguagem mais complexa e abrangente com novas representações. Para a constituição deste novo indivíduo é importante a construção de uma nova escola, de uma nova educação, de uma nova pedagogia.

É necessário atentar para o fato de que “A formação de um novo ser humano, que viva plenamente este mundo da comunicação, exige uma nova escola e um novo professor, capaz de trabalhar com este mundo de informação e de tecnologias. (PRETTO, 1994, p. 5).

É pertinente observar que,

A viabilização desta nova escola, portanto, exige trabalhar na formação dos novos professores porque, só assim, se poderá chegar mais perto dos alunos, uma vez que estes queiramos ou não já pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem ainda a uma civilização pré-icônica. Daí essa situação sem precedentes da História da pedagogia: os professores precisam, senão ultrapassar, pelo menos alcançar seus alunos. (TARDY apud PRETTO, 1994, p. 105).

Encontramos facilmente nos documentos que referenciam a educação brasileira indicações para o uso das mídias no processo educacional, alertando para a importância desta integração entre escola e tecnologias para o desenvolvimento e exercício da criticidade e criatividade dos alunos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 120) ponderam que,

A mídia pode ser uma grande aliada no processo educacional: é importante aproveitar o conhecimento que ela propicia e propor trabalhos de reflexão sobre as programações, incentivando um olhar crítico. Do ponto de vista educativo, o problema não está no consumo, mas no consumo passivo de tudo que é veiculado.

É compreensível, aceitável e até plausível este tipo de ponderação feita acima, pois a defesa do uso de tecnologias no processo educacional configura um fomento ao progresso educacional. Principalmente quando se reverencia o **pensar crítico** no âmbito educacional, resignando-se do reducionismo técnico e do reprodutivismo que referenciaram a educação brasileira durante praticamente toda a sua história.

Em contrapartida, não encontramos nestes mesmos documentos orientações de como se fazer uma integração global, contextualizada, que vise enriquecer o fazer pedagógico e a aprendizagem dos alunos.

A formação de alunos em telespectadores reflexivos, críticos, e produtores criativos, passa pela formação dos professores-mediadores que dominem a linguagem e a operacionalidade da televisão. E no atual cenário educacional brasileiro, dentre tantas carências, há a carência de políticas públicas voltadas para a formação dos educadores no trabalho com a televisão, e as mídias em geral.

Belloni (2005, p. 71) afirma que,

[...] uma das mais importantes razões da dificuldade de integração de inovações pedagógicas ao cotidiano de escola [sic] – especialmente as inovações tecnológicas situa-se na formação do professor e, por conseqüência, no ensino e na pesquisa desenvolvidos nas universidades.

A universidade, enquanto espaço de investigação, discussão e construção dos saberes científicos, deveria fornecer aos seus estudantes os subsídios necessários para que eles pudessem formular as mais eficazes formas de intervenção na sociedade, vislumbrando sempre progressos na existência humana. Isto poderia ser possibilitado não apenas nas dimensões do ensino universitário, mas também na pesquisa. Nesta perspectiva é válido citar as sábias palavras de Freire (1996, p. 28),

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Não cabe mais discutirmos se deve-se ou não integrar as mídias no processo educacional. O atual momento requer uma discussão sobre como realizar esta integração.

Alguns professores quando não ignoram ou menosprezam o uso da televisão em suas aulas, por acreditarem que os seus conteúdos são manifestos de profanidade e autodestruição para os seus alunos, reduzem-na a mero instrumento de apoio em sua prática pedagógica, seja para viabilizar a disseminação de um conteúdo, para prender a atenção dos alunos, ou até mesmo para passar o tempo.

É importante atentar ao fato de que apesar das recentes discussões acerca das novas tecnologias como elementos importantes na estruturação de um novo pensar, ainda há educadores que as reduzem a instrumentos ou ferramentas de auxílio na condução, ilustração, animação das aulas, repetindo mesmo modelo de educação. (HETKOWSKI, 2004).

Pillar (2001, p. 41) afirma que “A leitura que estamos fazendo da televisão parte da ótica de educadores que somos. Assim, é de dentro da escola que estamos olhando a TV.”

A falta de conhecimento e de reflexão acerca da função social da televisão, das suas concepções, do seu funcionamento técnico e estético, da sua potencialidade em produzir, selecionar e transmitir conhecimentos, faz com que muitos educadores façam o uso irresponsável e indiscriminado desta ferramenta, não muito diferenciado do que os alunos fazem em suas casas, ou em outros espaços que não a escola.

Ora, “[...] se estamos pensando numa escola onde a **cultura audiovisual** seja uma presença, o professor, principal personagem deste processo, precisa estar preparado para trabalhar com esta cultura.” (PRETTO, 1994, p. 106, grifo do autor).

É necessário reconhecer o professor como sujeito fundamental no processo educacional, valorizando-o e oportunizando a ele a resignificação e o repensar do

seu trabalho, para que ele desperte para o novo mundo que o insere e que lhe exige novas concepções, novos conhecimentos e novas práticas.

[...] não haverá verdadeira função do professor senão mediante a intensificação das influências sociais e a compreensão cada vez mais clara que o educador tenha de que sua atividade é eminentemente social, influi sobre os acontecimentos em curso no seu meio e só pode ser valiosa se ele admite ser conscientemente participante desses acontecimentos. (PINTO, 2005, P. 108).

Toda a inovação incita positividade, mudanças favoráveis, transformações proveitosas. Mas, muitos educadores são adeptos da idéia de que toda mudança na educação parte de uma ruptura com a cultura social e historicamente validada, e não compreendem que inovar é uma possibilidade de fazer novas validações, superando as máculas da cultura enraizada, é a oportunidade de estruturar um novo saber sem negar o que já existe, e sim integrando-o ao processo inovador.

O que falta a muitos professores é a compreensão de que a escola, como uma instituição que integra uma sociedade em constante movimento, também muda o seu curso, a sua história, seja para afirmar ou transformar os valores desta mesma sociedade. A escola se remodela e se educa de acordo com um momento da história da sua sociedade, e o mesmo ocorre (ou deveria ocorrer) com os saberes e as práticas do professor. Alguns poderão ser resignificados, contextualizados e reaproveitados enquanto outros estarão defasados e precisarão ser substituídos.

O professor precisa reconhecer que é um mediador das relações sociais dos sujeitos e não o seu detentor, e que nesta condição, ele próprio é um sujeito em permanente formação, atuando como sujeito do ensino e da aprendizagem. Traduz-se em ingenuidade um educador achar que já se apropriou de todos os saberes necessários à formação do indivíduo moderno.

Freire (1996, p. 26) nos chama à reflexão de que “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.”

Todas estas reflexões a serem feitas pelo educador devem ser estimuladas por políticas que invistam em formação inicial e em programas de formação continuada,

além da adoção de medidas em favor da valorização do magistério que garantam aos professores salários mais justos, melhoria das condições de trabalho, acesso aos recursos indispensáveis a sua prática docente, apoio e assistência que o dêem suporte na superação de dificuldades cotidianas de trabalho, e afirmação da sua autonomia no fazer pedagógico.

No atual momento que atravessamos, em que uma mídia vem superando a outra, em frações de tempo demasiadamente curto, as características políticas e técnicas da televisão já deveriam ter sido assimiladas pelos profissionais da educação. Compreendendo que este meio de comunicação a partir da sua ideologia política e calcada nas leis do mercado capitalistas, influenciam na produção e decisão daquilo que será veiculado como informação válida e aquilo deverá ser descartado, formando os hábitos e valores a serem internalizados pelas pessoas, inclusive as crianças.

Ao se apropriar destas informações o professor estará apto a colocar seus alunos, através do contato com a televisão, em situações de conflito, que dotados de uma postura crítica, reflexiva e autônoma possam desconstruir e reconstruir os conhecimentos *por* e *com* ela produzidos, sem lhes alienar os estímulos e gratificações sensório-emocionais que são possibilitados por este meio de comunicação.

Ferrés (1996, p. 83) observa que,

O educador pode aproveitar a sua ascendência sobre o grupo para impor a sua liderança na interpretação de mensagens da televisão. A sua função como mediador na experiência televisiva ou como intérprete daqueles sonhos estimulados pela televisão é a de analisar, interpretar, inserir no contexto, ou seja, em última análise, enriquecer a experiência televisiva [...] trata-se de enriquecer a experiência [...] mas sem eliminar o prazer sensorial e emocional.

A realidade da educação brasileira precisa sofrer muitas transformações para que se possa acompanhar o desenvolvimento e o exercício da igualdade, da justiça social e da sociedade democrática de que tanto se fala. Não há como se viver uma

democracia se a escola não participa e nem se apropria das novas produções culturais que emergem no mundo moderno.

A educação apresenta uma tendência, que embora aparente ser natural, mas reflete um condicionamento histórico-cultural, de se prender à sua cultura erudita e local, negando-se a possibilidade de partilhar de uma nova cultura global que se configura ao seu redor. É este afastamento existente entre educação e cultura que condena a escola à desatualização, o professor à instrumentalização e o aluno à passividade.

Não há como continuar negando a presença da televisão e das demais tecnologias que estão dividindo o espaço escolar com os livros e os outros recursos didáticos no processo educacional. Pois, elas estão inseridas no novo contexto sócio-cultural que vivenciamos.

Observamos processos modernizadores não apenas na educação, mas em todas as instâncias da vida humana, em todos os lugares e em todas as épocas, na medida em que o ser humano é um ser naturalmente dinâmico e curioso que passa por momentos de desencantamento e renovação.

É nesse movimento de superar o obsoleto pelo novo que a escola já deveria ter agregado a televisão não apenas como ferramenta pedagógica, mas como objeto de estudo que pode contribuir na realização das mudanças a serem implementadas para a formação do cidadão comprometido e engajado na construção do mundo melhor para todos viverem.

A escola do século XXI recebe agora os computadores que adentram seu espaço e fixam-se em laboratórios de informática altamente modernizados, sem ter absorvido as transformações impostas pela televisão na maneira de aprender dos seus alunos. Tornou-se cada vez mais urgente o alerta para uma educação televisiva, em que os alunos possam estender as aprendizagens e as experiências enriquecedoras da sua leitura crítica para fora da sala de aula, e dos muros da escola: para a sua vida prática.

A sociedade em que estamos inseridos vive um novo momento, o momento do *novo*, não aquele novo que disponibiliza tempo para ser

assimilado pelas pessoas, falamos do *novo* em uma sociedade que não tem mais tempo a esperar. A sociedade da informação em tempo real, a sociedade da velocidade, da onipresença, da virtualidade, pluricultural, globalizada, instantânea e descartável. Vivemos um momento que exige uma nova educação, uma nova escola, novos professores, novos alunos e uma nova comunidade que consigam acompanhar com a mesma velocidade as mudanças impostas por esta nova sociedade, e que estejam preparados para um pensar, e um agir rápido quando assim lhe for exigido.

4 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Partindo das questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa foi possível refletir sobre a importância e a necessidade da modernização da educação através da integração, no espaço escolar, das novas mídias que emergem com a revolução tecnológica que marcam o atual momento histórico que vivemos.

Trata-se de um novo contexto em que as novas mídias influenciam todas as relações humanas (sociais, econômica, culturais, afetivas, etc.). E a televisão, como meio de comunicação mais popular e abrangente, utiliza-se de uma nova linguagem configurada pela representação imagética, no processo de socialização das grandes massas. Ficando a cargo da escola preparar os indivíduos para a leitura crítica e reflexiva das mensagens produzidas por este potente meio de comunicação.

Durante todo o texto foi explicitada a idéia de que não cabe mais uma educação calcada em antigos paradigmas, que atua no sentido de reproduzir os valores e saberes disseminados por uma sociedade controlada por uma minoria manipuladora. Mas, que a mesma se reconheça como prática social e histórica, mediadora das relações humanas, capaz de prover grandes transformações na sociedade em que está inserida, tornando-a mais livre e democrática.

A escola precisa transformar a si mesma, se apropriando das novas mídias, não mais as concebendo como dispositivos de dominação e alienação humana, mas percebendo que estas, quando longe das falácias inerentes ao seu uso ingênuo e indiscriminado, representam ferramentas de inovação e transformação da realidade social.

Educar para as mídias vai além de desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uma apreciação crítica dos conteúdos veiculados pela televisão. Educar para

as mídias é, também, despertar nestes alunos a consciência de que são sujeitos ativos, criativos, com poder de decisão, capazes além de se apropriarem de um conhecimento veiculado por uma mídia, resignificá-lo e de produzir o seu próprio conhecimento a partir deste recurso.

Vivemos num novo mundo globalizado, informatizado, que se configura a partir de novas linguagens, e que exige dos indivíduos uma capacidade de absorção e adaptação às ligeiras mudanças que ocorrem a sua volta. A escola tem esta responsabilidade de formar estes novos indivíduos, e para tanto é necessário investir inicialmente no agente principal desta mediação homem-mundo: o professor. Este enquanto sujeito integrante do processo de formação, ao reconhecer a sua condição de eterno aprendiz, poderá viabilizar e enriquecer a experiência televisiva dos alunos.

É importante atentarmos ao fato de que a educação num mundo dominado pelas mídias é um desafio de todos: pais, alunos, professores, comunidade, etc. Pois é necessário formar o ser humano mutável que acompanhe de maneira plena as céleres modificações vividas pela sociedade em que esteja inserido.

Uma aproximação entre a escola e as mídias representaria uma mudança transformadora em ambas. Para tanto, é importante refletirmos sobre a real finalidade das novas mídias na sociedade, de que maneira estas podem possibilitar à escola a modernização e a emancipação a ela tão necessárias, como levar os atores sociais da escola (gestores, professores, funcionários, pais, comunidade e principalmente alunos) à compreensão da importância destas mídias para o processo de democratização da sociedade, como propor, pragmaticamente, o domínio filosófico e técnico destas novas tecnologias comunicativas através da educação básica.

Levantar estes e outros questionamentos, não explicitados nas linhas desta pesquisa, lança o primeiro passo para a construção de uma educação realmente preparada para mediar às tensões que permeiam a relação do homem com o mundo que o insere.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões da nossa época; 32).
- BELLONI, _____. A televisão como ferramenta pedagógica na formação de professores. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, vol. 29, n. 2, jul/dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 11 abr. 2009.
- BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção polêmicas do nosso tempo, 78).
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental : introdução aos parâmetros curriculares nacionais**, Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Coleção o mundo hoje, 21).
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)
- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- HETKOWSKI, Tânia Maria. **Políticas públicas: Tecnologias da Informação e Comunicação e novas práticas pedagógicas**. 2004. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

HOINEFF, Nelson. **A nova televisão: desmassificação e o impasse das grandes redes**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

KELLNER, Douglas e SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104, out. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1986. cap. 1, p. 19 – 44.

LOPES, A. O. et al. **Repensando a didática**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação e sociedade: redenção, reprodução e transformação. In: _____. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990. cap. 2, p. 37- 51.

PILLAR, Analice Dutra. **Criança e televisão: leituras de imagens**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PRETTO, Nelson de Luca. **A universidade e o mundo da comunicação: análise das práticas audiovisuais das universidades brasileiras**. 1994. 264 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SEVERINO, Antônio J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, vol. 14, n. 02, abr/ jun. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 abr. 2009.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Coleção pensadores e educação)